

# DO LAÇO AO TRAÇO... A MULHER ARTISTA EM SALVADOR, 1900 - 1945

Célia Maria Barreto Gomes

*Do Laço ao Traço... a mulher artista em Salvador, 1900 - 1945. Trata-se de um estudo sobre a mulher artista plástica no contexto sócio-cultural abordando sobretudo : o que significar a arte, qual a situação da mulher neste universo artístico e com que objetivo produzia arte.*

*Palavras Chaves:*

*Mulher - Feminismo - Mulher - artista*

## O Pensamento Plástico : A Mulher na História da Arte

As sociedades humanas foram dominadas há séculos pelos testemunhos dos símbolos, “pois só o ser humano se define pela sua capacidade de codificar, de simbolizar a sua experiência vivida” (BRILL, 1988, p.35). É com sua comunicação, é com sua linguagem que os indivíduos trocam suas idéias, dentro do mesmo grupo, da mesma sociedade, da mesma cultura.

Nas sociedades antigas, medievais, modernas e contemporâneas, tanto através dos homens como das mulheres, esses símbolos materializaram e continuam materializando uma linguagem através da arte que, por sua vez, é o reflexo de sua sociedade, de sua cultura, que não precisa de outra forma para se explicar : “Ela faz ver, ela não diz, mostra, não designa. Ela é “(DUFRENNE, 1972, p.124). Esta linguagem, porém, tem características próprias e não pode se identificar a obra somente pelo estado de espírito do artista. A obra de arte, o objeto artístico se comunica no interior de uma sociedade, daí necessitar de símbolos que denotem o imaginário social, sendo o produto da idéia de um povo. São os símbolos imateriais, símbolos que transcendem e que se materializam na cor, na linha, na forma, na palavra, no som, no gesto.

É a obra, é o objeto figurativo, ou ainda, o objeto artístico que, sendo um produto dual, é individual, mas só cumpre seu objetivo na coletividade. É um produto da inteligência, mas pela técnica é que se faz presente. É estática, porém apenas com o seu dinamismo contribui para o entendimento dos processos de transformações por que passaram, e passam, as sociedades. Esta dualidade tanto está presente nas obras plásticas dos homens, quanto nas das mulheres, pois ambos, também duais, pertencem igualmente a uma sociedade. Sendo as sociedades dinâmicas, elas estão sempre em processo de transformação.

Que mistério representava para o homem pré-histórico, a mulher? Ela simbolizava a perpetuação da espécie? A sua sobrevivência? A fertilidade não era somente da terra, ela também produzia. Ela também criava ! É a Vênus, misto de amuleto e de verdade - a mulher deusa.

Na Antiguidade, como divindade, partilhava com os mortais de suas alegrias e tristezas. Protegia as cidades, iluminava os homens, despertava seus amores. É a deusa da guerra, da paz ; do amor, da beleza. Sua graça e leveza foram exaltadas pelos grandes artistas.

No Mundo Medieval, o conceito é ascético e frio. E a mulher é santa e pecadora. Maria, que antecede ao Deus Vivo, ou Eva, aquela que leva o homem às tentações, que é obstáculo à sua salvação. Um período inquietante e dual. A perfeição técnica e estética de sua representação afasta toda emoção, toda humana imperfeição.

O ideal do Renascimento coloca a mulher de cabelos de ouro e roupas esvoaçantes; são as linhas de Botticelli que dançam e fluuam no espaço plástico. É o *sfumatto* de Da Vinci que transmite um lirismo impregnado de nostalgia. É a idealização da mulher e a humanização das deusas.

A exaltação e satisfação da Contra-reforma virtuosa, levam ao êxtase, com o movimento do mármore como um corpo tocado pelo prazer: são as mulheres carnosas, gordas, satisfeitas, plenas. Elas se elevam em espirais, entre nuvens que se metamorfoseiam continuamente.

A mulher reina, torna-se tema central das pinturas de salão, aparece em jardins e palácios, nas festas, nas alcovas. Sua representação como *biscuit* mostra sua delicadeza e fragilidade.

Mas a Revolução Industrial traz novos interesses, novas classes sociais, nova humanidade. Nas telas, vêem-se mulheres de carne e osso que vão à luta, que freqüentam teatro, *boulevards*, cabarés. É a bailarina, a lavadeira, a

prostituta, a camponesa. Surgem como sonhos, silenciosas, impassíveis, na sua nudez. A sensualidade está na cor, na luz que banha os corpos. É artista também!

Ela, porém, começa a despertar para o mundo como um ser social.

De acordo com os historiadores, até o século XIX, a mulher foi tema e inspiração para os artistas, na literatura, na música, no teatro, nas artes plásticas, mas ela está em descompasso entre o que se afirma a respeito das novas possibilidades que lhes foram proporcionadas e o que de fato dela é cobrado e a ela é permitido.

Entre o que se diz acerca de suas possibilidades e o que se tem permitido que ela exerça, que ela desempenhe, existe uma longa distância.

A verdadeira história das mulheres começa quando elas aprendem a se comparar com as outras, com a necessidade que as cerca e querem transformá-la.

A luta é para conquistar uma humanidade mais profunda e mais completa, pelo direito de se defender contra os rótulos impostos e pelo direito de preservar valores em nome de outros ideais.

Mas é no século XX que a mulher se fez criatura e criadora, um ser social, participando mais efetivamente do processo global da História.

Ela não é somente musa, modelo ou inspiração. Agora, divide com o homem o seu espaço, sua capacidade, sua criatividade, o seu trabalho, o seu fazer artístico.

Mas, a mulher sempre contribuiu efetivamente com o trabalho artístico.

A necessidade e o desejo de criar são condições inerentes ao gênero humano.

O ambiente, a cultura, a mentalidade, é que norteiam mas também classificam a produção artística, prendas ou artes. Não importa! As mulheres desse período faziam trabalhos com harmonia, cor, forma, linha, textura, riqueza de detalhes, elementos comuns à produção de objetos artísticos. O material podia variar, linhas, agulhas, tecidos, plumas ou lápis, tinta, telas, ou papel, mas a sua criatividade, a sua técnica, elaborada ou não, nos mostram os objetos artísticos da sua cultura.

Nesta cultura machista, a arte era sempre atribuída ao fazer masculino e as prendas, ao feminino e doméstico. Mas elas contribuíram, também, e deixaram um testemunho plástico.

Um trabalho de arte é um referencial diferente e especial da História.

Ele pode conter um social que agrade ou não, mas que é efetivo

esteticamente, mesmo que sua passagem não seja entendida ou não tenha sido mais socialmente aceita.

Os objetos foram feitos por indivíduos, homens ou mulheres, que viveram em uma determinada época, que dividiram suas vidas, crenças e aspirações com suas famílias, vizinhos, amigos.

Estes objetos foram criados para serem usados em momentos especiais. Era, pois, para os seus criadores, mulheres ou homens, que eles possuíam significado, justificativa e valor.

A mulher não era percebida como um ser ou agente do mundo. Isso ocorria porque a visão do mundo patriarcal ou machista imperava sobre o domínio da sociedade em geral. O valor da mulher não era, então, visto como um ser que tivesse a necessidade ou importância para o social, o cultural e o econômico, muito menos o político.

A sua presença, apesar de toda a estrutura materno-simbiótica mãe-filho, ou tríade pai-mãe-filho, é sempre mascarada como que por um manto sob o qual ela deveria ficar escondida, distante, algumas vezes reclusa no seu "altar". Mas sem nunca receber as orações feitas em seu louvor.

Sociedade machista e patriarcal, Salvador mostrou ser ainda, nesse período estudado, bem semelhante ao século anterior. A mulher, continuou reprimida, discreta, sendo seu universo regido pelo homem : pai ou marido.

As influências recebidas pela presença dos estrangeiros, quando foram assimilados hábitos e costumes europeus, pouco atingiram o posicionamento da mulher. Elas continuavam submissas aos maridos e pais e também se mantinham conservadoras, exercendo seu poder no ambiente doméstico, a casa, com os filhos e filhas, não as educando de maneira diferente. Repete, assim, todo o processo anterior. Com formação de cunho católico, esta também concorria para mantê-la afastada do mundo, pois o local da mulher-mãe era sempre o seu lar, onde a obediência era a tônica principal.

A educação formal da mulher ia, na sua maioria, até o curso ginásial, e poucas foram as mulheres que cursaram uma escola superior, pois, além de o número destas ser reduzido, o objetivo da jovem era o casamento que, a princípio, era cedo: entre 13 e 15 anos. Com as transformações ocorridas na sociedade, este limite foi aumentando para 18 a 20. Mas casar era a primeira e "única profissão da mulher", e mesmo aquelas que já trabalhassem antes de sua realização, eram induzidas, pelo marido, a deixar o trabalho. O homem tinha como ponto de honra poder sustentar sua família e sua autoridade tinha

também como lastro o poder econômico.

O trabalho da mulher estava quase sempre ligado ao magistério, e poucas trabalhavam em firmas comerciais, bancos ou na indústria.

A mulher, porém, participava politicamente da sociedade, mesmo com um discurso ainda tênue, em que as vozes eram pouco ouvidas, mas já era uma presença, não só na vida social quando se apresentava nos teatros, nos concertos, nos banquetes, mas através da literatura, da música, da poesia, da pintura, do desenho e das prendas.

As escolas, o trabalho, o desenvolvimento tecnológico, o ensino superior, os movimentos feministas, o progresso urbano, tudo isto contribuiu, mesmo de forma ainda discreta, para o seu processo de transformação. É uma luta muito silenciosa.

Poucas faziam arte, o artista era sempre o homem : a mulher “fazia prendas”, era o que se pretendia com a sua formação. Dos currículos das escolas constavam : desenho, pintura e prendas. As aulas particulares o confirmam. Elas deixaram, porém, um registro, deixaram um trabalho, objetos artísticos. Logo, elas também faziam arte.

Sua vida é dicotômica, como era também a sua Arte. Arte sim, pinturas e desenhos e prendas também. Arte como um deleite ; mais tarde um amadorismo, profissão só posteriormente.

A própria Academia e depois Escola de Belas Artes, pólo único para a formação superior da mulher artista, não quebrou essa barreira. O seu corpo docente, da fundação até 1945, era masculino ; as professoras de desenho e música, chamadas de alunas-mestras, estavam ligadas aos cursos de primeiras classes e ao conservatório, que funcionavam como parte anexa da escola, daí participarem das sessões de Congregação.

Só a partir da segunda metade da década de quarenta, a Escola sofre uma pequena mudança e uma mulher faz parte do seu quadro de mestres e artistas. É a mulher saindo do seu universo fechado, só seu, e passando a se envolver, de uma forma mais efetiva, com a sociedade onde, com os seus trabalhos, integra o grupo que vai modificar o ensino das artes das plásticas. Agora, muda também a posição da mulher artista em Salvador.

O discurso tem mudado, mesmo que ainda para a grande maioria continue igual, vez que surgem novas abordagens que justificam a conduta do homem em relação à mulher.

Mas a mulher quer que a sociedade reestude os seus mecanismos de

forma a entendê-la por inteiro, com as suas múltiplas capacidades. Este é um pensamento comum a todas as mulheres e à baiana também.

Arte, Mulher e Sociedade encontram-se interligadas. Elas caminham juntas e estão unidas por forças físicas, psicológicas e espirituais.

As manifestações da arte são significativas como elementos de transformação e a mulher como agente de mudanças significativas, ambas Mulher e Arte, atuando nas Sociedades.

Eram os homens que falavam e que representavam a humanidade. As mulheres eram apenas representadas pela poesia, pela música, pelas Artes Plásticas.

Eram a inspiração, a musa, o mito !

Daí ser o feminismo um movimento de auto-determinação, pois ela não é um ser incompleto, mas um todo e como tal, deve ser o seu processo de libertação.

Este é um tema abrangente e que poderá ser desenvolvido ainda sob vários aspectos – a mulher, através de outros olhares e em outras manifestações de arte como literatura, teatro, dança, música, e também nas artes plásticas. Temas, técnicas, artistas, ligando a sua trajetória de Vida e de Arte.

Com a década de quarenta, muitos laços são rompidos e novos traços surgem na caminhada da Mulher Artista.

É o criar e o recriar, a eterna mutação !

(\*) Parte da Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Teoria e História da Arte.

## BIBLIOGRAFIA

- ABURDENE, Patricia, *Megalândência, para as Mulheres*. Tradução: Magda Lopes  
Rio de Janeiro : Rosa dos Ventos, 1993
- ALMEIDA, Maria Amélia de. *Feminismo na Bahia. 1930 – 1950*. Salvador, 1986  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia UFBA. Salvador,  
1986
- ALVES, Marieta ; Smith, Robert, Ott, Carlos. *História das Artes na cidade de Salvador,  
evolução histórica do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1967
- ARGAN, Giulio Carlo. *Do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução  
de Denise Botlmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª Edição. Tradução: Daia  
Flaskman. Rio de Janeiro; Guanabara, 1978
- BARDI, P.M. *História da Arte Brasileira, pinturas, esculturas, arquitetura e outras  
artes*. São Paulo: Melhoramentos, Zahar, 1980
- CALABRESE, Omar. *A linguagem da Arte*. Tradução de Amanda Puega. Lisboa:  
Presença, 1986
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e Costumes no Brasil* São Paulo: Nacional, 1935
- GOTTNER Heider Abendrolle. *Nine Principles of Matriarcal Aesthetic*. Bostin : Edf.  
Gisely Ecker, 1985
- MATTOSO, Katia M. Queirós. *Bahia Séc. XIX Uma Província no Império*. Rio de  
Janeiro : Nova Fronteira, 1992

---

 Dados da Autora

. Célia Maria Barreto Gomes - Profª de História da Arte da EBA/UFBA e Mestra em Teoria e  
História da Arte  
Orientadora - Profª. Drª. Maria Helena Ochi Flexor